



**MEU SOL SE REFAZ CANTANDO: MÚSICA COMO METODOLOGIA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL.**

SOUZA, Daniela Rezende

LIMA, Laís Leni Oliveira

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um relato de experiência vivenciada no Estágio Supervisionado nas disciplinas de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental I e II, realizado em uma turma de Maternal II A, no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Cidália Vilela. A situação problema surgiu e foi elaborada durante as observações participantes e reflexões construídas no estágio em Educação Infantil I. Assim, partimos da seguinte problematização: a utilização da música como metodologia de ensino poderia contribuir com a dificuldade apresentada pelas crianças em dividir brinquedos ou quaisquer materiais utilizados em sala de aula na instituição? Dessa forma, o projeto de intervenção ação intitulou-se: “Meu sol se refaz: música na educação infantil” que simboliza a tentativa de refazer o que parecia não ser possível, mas que, com muita pesquisa, planejamentos e esforços, conseguimos desenvolver um bom trabalho. Trata-se de uma pesquisa qualitativa em que utilizamos como instrumento investigativo para a coleta de dados, observação, entrevistas semiestruturadas, questionários, relatório de pesquisa, diálogos e análise documental. A

especificidade do trabalho docente na Educação Infantil (EI) e musicalização nesta etapa de educação foram tomadas a partir dos documentos Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998) e dos aportes teóricos de Silva e Costa (2011), Piotto; Ferreira; Pantoni (2011), Arce (2013), Dandoline e Arce (2009), Amaral (2011), Brito (2003), Piotto (2011), dentre outros.

Observamos diversas situações no decorrer das observações participantes e, dentre elas uma nos chamou mais atenção, foi a dificuldade de relacionamento entre as crianças em diversos momentos na instituição ao necessitarem dividir um brinquedo, um material escolar, ou realizar uma atividade em grupo dentro e fora da sala de aula. Nesse sentido, optamos por trabalhar com um projeto que possibilitasse uma ação educativa utilizando a música como metodologia. Quando a criança brinca, interpreta uma canção ela demonstra seus sentimentos, pensamentos e desejos. Por meio desse processo as crianças conhecem seu corpo, interagem com o outro e descobrem o mundo em que vivem. O projeto também objetivava romper com a desconstrução de conceitos em que se utiliza a música como uma trilha sonora de rotinas, de estabelecimento de comportamentos disciplinados em sala de aula, em especial de datas comemorativas. Objetivamos desenvolver a vivência sonora, a exploração do mundo e dos sons, a experiência estética musical, enfim, entender a música como conhecimento musical humano.

Nesse sentido propomos diferentes recursos metodológicos que auxiliasse na questão do desenvolvimento psicológico da criança, no sentido de desenvolver a humanização entre elas. De acordo com Dandoline e Arce (2009) o ser humano só poderá alcançar a humanidade se incorporar em sua própria subjetividade formas de comportamento e ideias criadas pelas gerações anteriores e retrabalhadas por ele e por aqueles que com eles convivem. Partimos, portanto, da compreensão de que faz-se necessário contrapor o predomínio da secundarização do fazer musical na educação infantil e afirmar que, para que as crianças aprendam é preciso que elas sejam ensinadas. O fazer musical desperta a sensibilidade para a música, desenvolvendo o senso estético de beleza e de bom gosto e esta é uma tarefa a ser realizada pelos docentes nesta etapa de educação. O RCNEI (1998) relata como a música deve ser considerada como uma linguagem específica a ser desenvolvida junto às crianças

Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados (BRASIL, 1998, v.3, p. 48).

Após a proposição do projeto e estudos realizados entendemos que a música pode contribuir significativamente na formação da criança e em suas relações com o meio e com as demais crianças. O fazer musical na EI contribui para estimular a criança o desenvolvimento da autoconfiança, da curiosidade, do controle, da imaginação e do prazer de aprender. De acordo com (RCNEI, 1998, p. 57) o fazer musical é uma forma de comunicação e expressão, que acontece por meio da improvisação, da composição e da interpretação. Portanto, uma metodologia que pode e deve ser trabalhada para desenvolver a comunicação entre as crianças e o mundo em que vivem.

Constatou-se que é possível trabalhar com a música integrada ao trabalho com as outras áreas, fazendo projetos, sem desconsiderá-la como um meio de expressão, uma linguagem específica e que pode contribuir no processo de ensino aprendizagem e na construção de um processo de humanização com as crianças.

OBJETIVOS

O projeto de intervenção teve como objetivo geral, desenvolver nas crianças um espírito de equipe em seu cotidiano utilizando a linguagem musical como recurso pedagógico, sem perder a sua essência, auxiliando na construção de outros objetivos, tais como: aprender ritmos, despertar nas crianças o interesse de trabalhar em grupo, aprender a dividir todos os objetos em sala ou em qualquer outro espaço, observar os sons em seu cotidiano, despertar diferentes sentimentos, desenvolver percepção musical, aprender cantigas de roda, resgatando a cultura de um povo, construir uma mini bandinha a partir do trabalho desenvolvido em grupo, dentre outros.

DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO

As configurações e os modos de organização familiar da sociedade contemporânea tem se modificado, várias foram as mudanças ocorridas, especialmente nos últimos 60 anos. Entre elas a necessidade do trabalho feminino como parte do

orçamento familiar ou até o único meio de subsistência da família, as instituições de EI passaram a ter um papel significativo no desenvolvimento da criança. No lugar de uma família numerosa, morando nas mesmas proximidades, formando uma vizinhança familiar, atualmente têm pequenos núcleos familiares, vivendo em lugares geograficamente distantes. Assim, houve modificações nas formas de interações entre as pessoas e com a cultura. As canções, as histórias, os pequenos poemas, os trava-línguas, os jogos, que eram passadas de geração para geração foram, gradualmente esquecidos, sendo substituídos pela produção comercial da Indústria Cultural, dirigidas às crianças, as quais não tem a força de preservação desses valores familiares e culturais. Vilela (2011), ao analisar a imposição de modos de vida que é realizada pela Indústria Cultural, afirma que:

A indústria cultural firmou-se no poder de sua ideologia, sob a qual ela impera sem deixar transparecer sua opressão, enquanto propaga sua mercadoria cultural, que deve ser 'tragada' sem resistência. O que ela propaga, não importa a quem, é um entendimento generalizado e sem críticas da realidade, ela faz *reclame da sua visão de mundo*. Dessa forma, cada produto da indústria cultural, que se apresenta como único, em vez de fortalecer o desenvolvimento da individualidade, opera eliminando-a. A indústria cultural é o novo mecanismo de propagação da ideologia, de um falso mundo que tem a pretensão de se estabelecer como verdade. Dessa forma seu resultado é desumanização (2011, p. 99-100, grifos no original).

Percebe-se que muitas canções, responsáveis por apresentar a herança cultural de determinada comunidade, tem sido substituído por uma literatura musical que chega mais rápido ao gosto do público, entretanto, com uma memória limitada em relação ao tempo.

Nesse sentido, acreditamos que um trabalho com a música pode auxiliar os professores de EI, como em demais níveis de ensino a resgatar as brincadeiras, os jogos de encantamentos que são fundamentais à formação humana, a construção da identidade, a sensibilidade, a imaginação, a memórias das crianças.

A proposta destacada no RCNEI (1998) é de se trabalhar a linguagem musical como um processo integrado ao desenvolvimento físico, cognitivo e a conteúdo específicos, como também trabalhar a expressão musical para que ela não se torne apenas imitações e reproduções de sons e modelos estereotipados, mas que se possa

desenvolver a expressão, a sensibilidade, a observação e a criação de sons e melodias, isto é, a musicalização. De acordo com este documento

Mesmo que as formas de organização social e o papel da música nas sociedades modernas tenham se transformado, algo de seu caráter ritual é preservado, assim como certa tradição do fazer e ensinar por imitação e “por ouvido”, em que se misturam intuição, conhecimento prático e transmissão oral. Essas questões devem ser consideradas ao se pensar na aprendizagem, pois o contato intuitivo e espontâneo com a expressão musical desde os primeiros anos de vida é importante ponto de partida para o processo de musicalização. Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados (BRASIL, 1998, v.3, p.47-48).

O projeto em relato foi proposto em seis encontros de intervenções, nos quais vivenciamos muitas experiências interessantes para nossa prática enquanto professoras em formação. Sentimos ansiedade, medo, angústias; erramos, acertamos, tentamos, buscamos, obtivemos resultados inesperados, alegamos, criamos laços de afeto entre nós e as crianças; ensinamos e aprendemos junto a elas. Iniciamos a proposta de intervenção compreendendo a importância da linguagem musical na EI. De acordo com Brito (2003, p. 53)

Aceitando a proposição de que a música deve promover o ser humano acima de tudo, devemos ter claro que o trabalho nessa área deve incluir todos os alunos. Longe da concepção europeia do século passado, que selecionava os “talentos naturais”, é preciso lembrar que a música é a linguagem cujo conhecimento se constrói com base nas vivências e reflexões orientadas. Desse modo, todos devem ter o direito de cantar, ainda que sejam desafinados! Todos devem poder tocar um instrumento, ainda que não tenham, naturalmente, um senso rítmico fluente e equilibrado, pois as competências musicais desenvolvem-se com a prática regular e orientada, em contextos de respeito, valorização e estímulo a cada aluno, por meio de propostas que consideram todo processo, e não apenas o produto final.

Dessa forma, estabelecemos nas metodologias conexão entre os eixos propostos nos RCNEI (1998), que são: linguagem oral e escrita (roda de cânticos com as crianças, descrição dos sons dos instrumentos, habilidades de ouvir atentamente a

música ou conjunto de sons, desenvolvendo o vocabulário de descrever o que estava ouvindo), matemática (contagem dos sons e ritmos, imitar a voz com variedade de timbres), natureza e sociedade (descoberta de diferentes sons na natureza, construção de sons, vídeos, produzir conhecimentos sobre sons e cultura) movimento (mover-se de acordo com o estímulo musical ritmo, melodia ou harmonia, mover-se expressivamente a partir de músicas de diferentes tipos), artes e a música (expressar-se por meio da voz cantada ou falada, desenvolver um repertório apropriado de canções da cultura brasileira e também de outras culturas, construção de instrumentos com materiais recicláveis), ou seja, utilizamos diferentes meios de vivências de atividades rítmicas e lúdicas. Fizemos uma sondagem sobre as experiências musicais das crianças, além de oferecermos a vivência sonora, a experimentação da musicalização. De acordo com Silva e Costa

O educador constrói uma relação com o grupo. Nesse grupo ele constrói também uma relação com cada criança em particular, pois cada um é um. Cada ação do adulto para com uma criança gera uma certa reação; a mesma ação para com outra criança poderá gerar uma reação totalmente diferente. (2011, p.40)

Os saberes musicais e os demais saberes das crianças foram se ampliando à medida que ocorriam as intervenções semanais. Como já enfatizamos anteriormente, utilizamos diferentes maneiras de se encorajar as crianças a vivenciarem experiências musicais: com a voz (cantando com elas), audição (ouvir diferentes sons musicais, levamos material sonoro para ser compartilhado em sala de aula), confecção de instrumentos sonoros com materiais alternativos e exploração de sons (timbre), sonorização de histórias infantis, resgate histórico de cantigas de roda e músicas folclóricas, além da apreciação sonora de algumas obras (dançamos e improvisamos movimentos guiados pela música). De acordo com o grupo (Palavra Cantada, 2015) apresentamos um repertório interessante a esse respeito, com canções caracterizadas por diferentes ritmos que aguçava os sentidos das crianças, bem como proporcionava o descobrimento de diversos objetos e suas funções.

De acordo com o RCNEI (1998, p. 45) a música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre som e o

silêncio. Daí, a importância de trabalhar a música na EI como um processo de formação musical com vivências e conscientizações, entendendo que isso implica o desenvolvimento simultâneo do processo intelectual, de experimentação sonora, de sensibilização, de mudanças na relação entre as crianças, implicando nas atitudes de relação entre os colegas e o grupo, por exemplo, ao dividir objetos e realizar diferentes trabalhos.

O RCNEI (1998) aborda a importância de um trabalho sistematizado com a educação musical para as crianças ao definir que:

O canto desempenha um papel de grande importância na educação musical infantil, pois integra melodia, ritmo e — frequentemente — harmonia, sendo excelente meio para o desenvolvimento da audição. Quando cantam, as crianças imitam o que ouvem e assim desenvolvem condições necessárias à elaboração do repertório de informações que posteriormente lhes permitirá criar e se comunicar por intermédio dessa linguagem (BRASIL, 1998, p. 59).

As atividades musicais podem fazer parte do currículo geral da escola como metodologia de ensino trabalhada intencionalmente. É interessante que a música faça parte da rotina auxiliando no conhecimento de mundo e no desenvolvimento de hábitos e habilidades que irão refletir no cotidiano das crianças. De acordo com (RCNEI, 1998, p. 60) o fazer musical requer atitudes de concentração e envolvimento com as atividades propostas, posturas que devem estar presente durante todo o processo educativo, em suas diferentes fases.

RESULTADOS

Muitas foram às histórias vividas e vivenciadas por nós nos dias em que realizamos as intervenções de estágio na instituição campo. O trabalho ocorreu com muito estudo, diálogo entre nós alunas e professora orientadora de estágio e o desejo de pensar uma educação infantil de qualidade. Uma história de musicalização muito legal foi sendo tecida durante cada proposta, a qual foi criando brilho a partir de cada regência semanal. De acordo com Ostetto (2000) é preciso apaixonar-se pela história! Fazer história com paixão! Grande lição, que se aprende na relação que se constrói com crianças e adultos, nos grupos, dentro e fora das instituições de educação infantil.

Outro aspecto que consideramos importante em nossa regência foram os vínculos afetivos que construímos na instituição durante esses seis encontros. As crianças que, de início choravam e não respondiam as nossas solicitações, depois nos pediam para ficar ali, participavam de todas as atividades e ainda, algumas delas nos impressionavam com a melhora no comportamento, que experiência sensacional!

É importante compreender que o ouvido e a escuta da criança são educados a partir do que são oferecidos a ela, porque o desenvolvimento infantil, logo, a aprendizagem é mediada pelo adulto e do que esta apresenta a criança. Destarte é preciso proporcionar a criança um repertório cultural para que essa adquira, desde pequena, a capacidade crítica de apreciar trabalhos culturais e aqui se destaca a musicalização para saber discernir o que é bom e o que não é para sua formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conviver no espaço real, isto é, no “chão da instituição” de EI, convivendo com inúmeras crianças de diferentes idades, professoras¹, diretora, monitoras, coordenadora, agentes educativas e trabalhadoras responsáveis pela higiene e alimentação, bem como colegas da universidade tornou o período do estágio de muitas construções, descobertas e ensinamentos aos quais levaremos por toda nossa vida enquanto educadoras.

Um dos momentos que consideramos mais difícil foi o planejamento, como planejar? Quais conteúdos trabalhar para que de fato o problema identificado por nós, durante a observação, pudesse ser solucionado? Como iríamos propor este projeto? Funcionaria? Como as crianças iriam nos receber? Enfim, em nossa avaliação, foram seis regências que consideramos muito bem sucedidas, até mesmo os momentos de dificuldades nos proporcionaram aprendizados significativos para docência ora construída.

Todas as atividades desenvolvidas com as crianças, que aos poucos demonstravam interesse e participação, foram nos mostrando que o professor não deve

¹ Utilizamos a flexão no feminino pois durante a pesquisa e intervenção não foi encontrado nenhum profissional do sexo masculino, houve predominância de mulheres em todos os segmentos.

parar em meio aos entraves encontrados na escola e sim, buscar meios para se qualificar, em formação inicial e continuada, trazendo novas propostas de ensino que estimulem as crianças, que as envolvam em todo o processo de ensino e aprendizagem, desde o criar até ao materializar de fato. Percebemos que uma das maiores dificuldades encontradas em relação ao fazer musical é a dificuldade de os professores terem em mãos materiais adequados e organizados para as atividades musicais cotidianas e dominar as questões teóricas em relação a este tema.

Confessamos que, ao iniciarmos as atividades conduzimos o nosso olhar para o processo, mais do que a preocupação com o produto, que, de certa forma foi uma postura satisfatória, uma vez que preocupávamos com o momento real, oferecer apoio necessário às crianças, buscando e desvendando caminhos aos quais elas poderiam trilhar para que pudessem aprender da maneira mais prazerosa possível, pois a música pode dispor condições para difundir a alegria cultural, o interesse, a curiosidade, a cumplicidade em cada um dos momentos vivenciados. Acreditamos que conseguimos alcançar nossos objetivos, dentre eles, despertar nas crianças a importância de um trabalho em grupo e como este pode ser prazeroso.

A avaliação que é indispensável em um projeto que esteja sendo proposto com a intencionalidade de amenizar e oferecer possibilidades para uma situação “problema apresentada” e diagnosticada em nossas observações, como fruto do trabalho, decidimos que esta avaliação estaria pautada por uma construção musical das crianças, algo que mostrasse as vivências e as descobertas musicais em grupo, tanto na construção quanto na representação.

Desta proposta, surgiu a oportunidade de gravações das músicas criadas pelas crianças, observando o crescimento a cada intervenção, ainda, por meio das oito garatujas² feitas dos sons e dos instrumentos; apresentação oral dos vídeos expostos, performance corporal a partir das músicas e materialização do vivido. Assim, tivemos resultados satisfatórios, conseguindo montar uma “mini bandinha” de materiais

² Garatujas: As crianças pequenas desenham na tentativa de representar o que interpretam do mundo à sua volta. Nos primeiros anos de escolaridade, é particularmente importante explorar sem amarras esse tipo de produção. Muitas vezes, porém, os rabiscos não recebem a devida atenção dos professores. Há certa ansiedade em direcionar o traço dos pequenos.

recicláveis, com todas as atividades, exigindo das crianças um trabalho em grupo e ainda compartilhando com toda à instituição os resultados, por meio do desfile da mini bandinha, ocorrido por toda a creche, ao final da regência do estágio. Entretanto, mais do que a proposição de materiais e técnicas, esse trabalho nos possibilitou a experimentação sonora, a formação e expressão humana, a mudança na relação afetiva entre as crianças e entre os educadores. Toda essa experiência contribuiu para nosso crescimento enquanto docente e enquanto princípio fundamental, na perspectiva de que a produção de conhecimento é social e é pela mediação social, presentes nas mais elementares ações de apropriação das crianças que se constrói o conhecimento, por meio dessas ações é que se desenvolvem as características humanas histórias, que não são naturais.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Marlene Felomena Mariano. Dona escova e comadre Alice: In ROSETTE-FERREIRA (org.). **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 140
- ARCE, Alessandra. **Interações e brincadeiras na educação infantil**. São Paulo: Editora Alínea, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEF, 1998. (1, 2 e 3 vol.).
- BRITO, Teca Alencar. De. Música na Educação Infantil: **proposta para formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- DANDOLINI Marilene R. e ARCE, Alessandra. A formação de professores de educação infantil: algumas questões para se pensar a profissional que atuará com crianças de 0 a 3 anos. In: ARCE, A. e Martins, Ligia M. **Ensinando aos pequenos: de zero a três anos**. Campinas: Alínea, 2009. p. 51-91.
- OSTETTO, Luciana E. (org.). In: Observação, Registro, Documentação: Nomear e Significar as experiências. **Encontros e encantamento na educação infantil**. Campinas: Papirus, 2004.
- PIOTTO, Débora Cristina. FERREIRA, Marisa Vasconcelos Ferreira, PANTONI, Rosa V. Comer, comer, comer, comer... é o melhor para poder crescer: In: **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 131-133.

SILVA, Alma Helena A. Silva. COSTA, Eliane F. O adulto um parceiro especial: *In*: ROSSETTI-FERREIRA (org.). **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 49.

VILELA, Rita A. Teixeira. Uma concepção de educação em Theodoro Adorno. *In*: MASCARENHAS, Angela C. Belém; ZANOLLA, Silvia R. Silva. **Sociedade, subjetividade e educação: perspectiva marxista e frankfurtiana**. Campinas: Editora Alínea, 2011. p. 95-110.